

SOLILÓQUIO 06

Comecei a notar como os mortos parecem aborrecidos. Comecei a empanturrar todos com muita comida, as últimas delícias. Ao mesmo tempo nada acontecida dentro daqueles corpos espalhados pela casa. Eu tive fortes alucinações. Achava que todos eles haviam morrido pela excelência na pontaria e eu, insistente, alimentava cães à beira do mofo. Eu enchia a casa com as últimas notícias presidenciais, as últimas notícias da infantaria, a conspiração de 64, maio de 68, uma esperança na década de 90, procurava uma data, algo para apoiar a falta de sentido, o pronunciamento no rádio do Jango eu gravei e exibia todas as manhãs no café, um horror. Os presos políticos se sentavam na mesa de casa, ah, isso me excitava!

Nós tínhamos responsabilidades. Um dia pés para cima, outro dia, limpeza da casa. Não importava a idade. Se falhávamos com a ordem falhávamos com o amor. Nunca entendi o amor. O amor deve se parecer com Deus, repetia todos os dias como uma sentença. Amor e ordem. Coisa esquisita, mas vivíamos ali. Eu arrumava a casa, mas também arrumava meu corpo para as inquietações do país. Acho que a mesa fazia permanecer todas as nossas memórias, nossos desejos, revoltas. Era um sonho que estas pessoas frequentassem minha casa, pra eu passar um café, pra eu acalmar, se fosse possível. Achava que se preenchesse a casa com notícias, àqueles corpos, talvez, lembrassem de alguma empatia. Arear panela. Pausa. Colocar notícia no azulejo. Um espirro do produto de limpeza. Pausa. Uma foto 3x4 no pires do desaparecido. Tudo ficava um charme! Uma casa interessante! Era isso, sobremesa, as últimas delícias, notícias espalhadas pela casa, retratos de jornais, fotos 3x4 dos desaparecidos e desaparecidas. Como não sabíamos reagir ao mundo fora dessa mesa nos transformávamos em testemunhas, covardes, mas testemunhas. De que adiantava a excelência na pontaria se não sabíamos os significados? Eu matei um pássaro, lindo, mas não sei por quê.

Matei.

Eu rezava para o fim das notícias, mesmo sem muito gostar de Deus, mas achava bom. Quando meu corpo se revoltava mordida um melão, sapateava em cima dos morangos. Isso me acalmava!

‘RESPIRE FUNDO, MUITO FUNDO’: Thiago Dominoni